

Dois pastores, duas revoluções



O Presidente chinês na UNESCO e o Papa Francisco na Praça de São Pedro FOTO TONY GENTILE E CHRISTIAN HARTMANN/REUTERS



Há um ano em funções, Xi Jinping e o Papa Francisco enfrentam desafios muito semelhantes

Tirando Vladimir Putin e Barack Obama, a agenda global é dominada, ainda que de forma diferente, por dois homens: Xi Jinping, novo presidente da China, e Jorge Mario Bergoglio. Em março de 2013, um dia antes de Xi tomar posse, o jesuíta argentino tornou-se o Papa Francisco. Os dois ficaram à frente dos destinos de uma imensa multidão de fiéis, cada qual representando mais de mil milhões de almas. E os paralelos não ficam por aqui. O Partido Comunista Chinês (PCC) e a Igreja Católica compartilham esquemas de organização semelhantes, com estruturas de poder de grande predomínio masculino. Ambos difundem ideologias ou sistemas de crença de vocação absoluta, cujo sucesso é incerto

VISTO DE PEQUIM

- Os novos líderes da China e do Vaticano prometeram reduzir a pompa e combater os desvios éticos, quando não criminosos
- Tal como padres católicos, também houve funcionários do PCC envolvidos em transgressões sexuais, embora de tipo mais convencional. Em contrapartida, os seus desvarios financeiros vão muito além dos imputados ao clero católico
- Promover mais abertura na China comporta riscos mas o dilema do PCC resume-se a enfrentar um problema grande agora ou ver-se diante de um problema ainda maior no futuro

numa sociedade onde a tendência é haver cada vez menos entusiasmo por visões de mundo tão rígidas. Os novos líderes da China e do Vaticano prometeram dedicar os seus mandatos à redução da pompa e ao combate aos desvios éticos, quando não criminosos, nas respetivas hierarquias. E também manifestaram vontade de combater globalmente a pobreza. Um ano de liderança é tempo mais do que suficiente para avaliar o desempenho de ambos os ‘pastores’. Concretamente, estarão a conseguir introduzir os ventos de mudança que há tanto tempo se faziam sentir nos bastidores? O Papa Francisco foi, à evidência, bem-sucedido em romper com práticas anteriores do Vaticano. Muitas das suas declarações públicas deixaram clara a intenção de impedir que a hierarquia da Igreja continuasse a enveredar por maus caminhos, fechando-se sobre si própria, isolando-se dos fiéis e persistindo em atos condenáveis. Estes, que não foram casos isolados, chegaram às manchetes dos jornais (apesar

de campanhas para tentar silenciar as queixas) e incluíram, tanto crimes sexuais (nomeadamente com menores) como económicos. O Papa prometeu acabar com tudo isto. Ninguém questiona nem a sua sinceridade nem as suas intenções, mas que homem se conseguirá impor à poderosa hierarquia do Vaticano? Conhecida que é a tradição da Igreja nesta matéria, são de esperar duas coisas: grande resistência da parte dos que se envolveram ou deram cobertura aos abusos, a começar pelo forte lóbi italiano dentro da cúria romana e forte inércia no sentido da manutenção do *statu quo*. Na verdade, o sistema em vigor satisfaz muita desta gente que, como tantos outros grupos ao longo da história, pouco se preocupa com o destino de instituição a que pertence, muito menos com o além-túmulo. Nada mais curioso do que verificar até que ponto esta análise pode ser extrapolada para a China. Como é igual o mundo, visto a partir da estrutura de poder do Partido Comunista da

China! Também aqui se tenta preservar a situação vigente com base em poderes fáticos e num vasto sistema interno de ensino e disciplina. Tal como sucedeu com uma série de padres católicos, também houve funcionários do PCC envolvidos em transgressões sexuais, embora de tipo mais convencional. Em contrapartida, os seus desvarios financeiros vão muito além dos imputados ao clero católico, mais não seja porque as oportunidades nesta área eram incomparavelmente mais vastas. Há, portanto, motivos de sobra para observar todos estes desenvolvimentos paralelos no eixo PCC-Vaticano. A questão é saber qual deles conseguirá reverter o curso dos acontecimentos, se é que algum realmente o fará. Entretanto, muitos antigos fiéis afastaram-se para sempre dos ensinamentos das duas ‘igrejas’, seja por já não se reverem na sua missão original, seja por descrerem da possibilidade de verdadeiras mudanças. Há indícios de que as revelações sobre a extrema

riqueza das famílias dos líderes chineses, feitas pelo diário “The New York Times”, terão compelido todos os membros do Politburo do PCC a declarar publicamente o montante dos seus bens e ativos financeiros. Esta ação foi vista como uma estratégia para conter o desprestígio dos líderes políticos a todos os níveis junto da maioria da população. A convicção pública é que, diretamente ou através das respetivas famílias, os líderes desviem recursos públicos não apenas para os cofres pessoais, como para paraísos fiscais no exterior, fora do alcance das autoridades chinesas.

Caixa de Pandora ou contenção?

Alguns analistas dizem que, tendo o génio saído da lâmpada, não será fácil voltar a engarrafá-lo. Em qualquer dos casos, aquilo de que o Presidente chinês, Xi Jinping, mais precisa é de símbolos públicos e visíveis capazes de convencerem o povo de que está em curso um imenso esforço de

Francisco impõe canonização de João XXIII

Perante a canonização de João Paulo II, o Papa Francisco mandou acelerar a de João XXIII, o homem do Concílio Vaticano II. Ambos serão santos a partir de amanhã

Por um capricho da história, ou talvez dos homens, no domingo vão ser canonizados João XXIII, o Papa que convocou o Concílio Vaticano II, e João Paulo II, o Papa que, segundo as críticas mais duras, não o aplicou. O acontecimento reunirá em Roma quase um milhão de peregrinos, delegações de mais de 60 países, 20 chefes de Estado e 24 primeiros-ministros. A cidade organizou um dispositivo de segurança de mais 3500 agentes, 3000 voluntários e 75 ambulâncias.

Não será uma apoteose, como aconteceu no funeral de Karol Wojtyla (João Paulo II), em 2005, quando todo o planeta se voltou para Roma, em homenagem ao Papa que mudou a história, colaborando ativamente no derrube do Muro de Berlim (1989), da União Soviética e da divisão do mundo em zonas de influência. Foi o Papa que, pela primeira vez em tempos modernos, orfãos de líderes internacionais, deu à Igreja uma popularidade mundial nunca vista. Em qualquer país do globo aquele Papa congregava milhões de cidadãos, como não conseguia nenhum líder político. Viajou por todas as nações do mundo, fosse junto dos indígenas da Papua Nova Guiné ou dos delegados da ONU, em Nova Iorque, para transmitir a mesma mensagem: sem valores éticos, sem Deus,

não existe nenhuma sociedade. A parte principal da festa deste fim de semana será para o primeiro Papa polaco da história, o primeiro Papa não-italiano em 400 anos, que os fiéis da Praça de São Pedro, no dia do seu enterro, queriam “santo subito”. Ao seu lado, a memória de João XXIII fica mais distante dos cidadãos contemporâneos. Apenas os 3000 bispos do Concílio Vaticano II (1963-1965) pediram que Angelo Roncalli (João XXIII) fosse proclamado santo “por aclamação”, mas o seu sucessor, Paulo VI, travou os ânimos e encaminhou o processo de canonização para o processo burocrático estabelecido. Desde então passaram 50 anos, enquanto Wojtyla será santo apenas nove anos após a sua morte, coisa nunca vista. “Este processo está a avançar depressa demais”, lamentou o cardeal belga, Godfried Danneels.



O Papa João XXIII

Uma fábrica de santos

Os historiadores explicam que cada Papa é distinto, porque vive num momento diferente

da história. Não obstante, a mesma história mostra que a chamada “fábrica de santos” da Igreja Católica funciona à sua maneira e conforme o momento. João Paulo II, por exemplo, criou mais beatos (1345) e santos (482) do que todos os Papas anteriores juntos. O processo de canonização de Karol Wojtyla seguiu todas as etapas previstas. O de Angelo Roncalli não, porque o Papa Francisco o dispensou de fazer o milagre necessário para ser admitido como santo, o que muitos interpretam como uma indicação. É como se Francisco tivesse dito: “Querem que João Paulo II seja santo? Então, João XXIII também o será.” Depois do aparentemente insubstituível Pio XII que teve de gerir os imbróglis da II Guerra Mundial, os cardeais elegeram um Papa de transição, Angelo Roncalli. Mas este



autodisciplina. Doutra forma não conseguirá ganhar legitimidade popular, nem reforçar a sua autoridade.

Contudo, promover um maior grau de abertura é sempre uma manobra arriscada, mais não seja por poder indispor muitos quadros do partido. Pode ser a abertura de uma caixa de Pandora porque, para o PCC não perder legitimidade, os esforços de limpeza interna terão de abranger toda a hierarquia, indo muito além de Pequim e chegando ao nível provincial e municipal.

O dilema do partido resume-se a enfrentar um problema grande agora ou ver-se diante de um problema ainda maior no futuro. O Papa, por sua vez, está a apresentar medidas inimagináveis. O seu recente pedido no sentido de à escala de paróquia se fazerem inquéritos aos católicos para saber o que pensam sobre alguns dos ensinamentos da Igreja é um passo espetacular. Tem potencial para transformar uma Igreja Católica, organizada de cima para baixo, numa congregação mais participativa. A

VISTO DE ROMA

■ O Papa foi bem-sucedido em romper com práticas anteriores do Vaticano. Deixou clara a intenção de impedir que a hierarquia da Igreja continuasse a fechar-se sobre si própria, isolar-se dos fiéis e persistir em atos condenáveis

■ A decisão de perguntar aos fiéis a sua opinião antes do sínodo dos bispos sobre a família marcado para outubro é um gesto sem precedentes

■ Ninguém questiona nem a sua sinceridade nem as intenções de Francisco, mas que homem se conseguirá impor à poderosa hierarquia do Vaticano e, dentro desta, ao lóbi italiano?

diplomata fino e idoso surpreendeu todos: como nos anos 60 o mundo estava a mudar a passos largos, decidiu convocar os 3000 bispos do planeta para enfrentar essas mudanças e inserir a igreja católica no mundo que estava a surgir. Foi o Concílio Vaticano II, que terminou com a aprovação de 16 documentos que abriram a igreja católica às sociedades contemporâneas, embora desde então os sucessivos Papas (Paulo VI, João Paulo II, Bento

XVI) parecessem ter relegado os resultados do Concílio para segundo plano.

Homem de Deus ou santo?

Durante o processo de canonização de Karol Wojtyla, foram ouvidas 114 testemunhas e nem todas coincidiram na aprovação da sua santificação. Vários movimentos católicos de teólogos, professores e crentes anónimos, como o Nós Somos Igreja, divulgaram recentemente um comunicado no qual afirmam que João Paulo II “não aplicou o Concílio”.

Em 2006, interrogado como testemunha do processo, Giovanni Franzoni, antigo abade de São Paulo Extramuros (Roma), denunciou sete anomalias no pontificado de João Paulo II, entre as quais salientou a repressão e marginalização de teólogos, a gestão opaca

decisão de perguntar aos fiéis sua opinião antes do sínodo dos bispos sobre a família marcado para outubro é um gesto sem precedentes, cujo objetivo só pode ser visto como obrigar a Igreja a identificar-se mais com o seu “público consumidor”.

À sua própria maneira, os líderes chineses acabam por fazer o mesmo. A vigilância da internet, nomeadamente dos fóruns de debate e dos microblogs, também obedece a um propósito construtivo (embora não exclusivamente, visto haver, também, uma componente censória). Os líderes políticos chineses precisam de conhecer qual o retorno do desempenho dos quadros do PCC a todos os níveis da sociedade e nas diferentes regiões do seu imenso país.

O mundo segue com atenção os esforços do Presidente Xi Jinping e do Papa Francisco para reverter o curso dos acontecimentos.

STEPHEN RICHTER
editor do sítio Globalist.com e
presidente do Globalist Research
Center de Washington
internacional@expresso.impresa.pt

das finanças do Vaticano e do seu banco (IOR), a desconsideração da ética sexual e do papel da mulher na igreja, e a não-aplicação do “governo colegial” com os bispos.

“Teria sido mais sábio deixar transcorrer mais tempo antes de o fazer santo”, declarou Franzoni. “Era um homem de Deus, mas não é necessário torná-lo santo”, diria, no seu depoimento, o cardeal Carlo Maria Martini.

O historiador eclesiástico Carlo Cardia escreveu, em vida daquele Papa, que “a igreja de João Paulo II não andou para trás, manteve-se simplesmente imóvel” e explicou que “a tradição católica é demasiado rica em valores e matizes para que se esgotem na interpretação de um único Papa”.

ROSSEND DOMÈNECH
correspondente em Roma
internacional@expresso.impresa.pt

ISCTE Business School
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

2014/2015

MESTRADOS

Management / Gestão*
- applicants with a degree in Management / para Licenciados em Gestão e áreas afins

Business Administration / Gestão de Empresas*
- applicants with non-business background / para Licenciados em outras áreas

- International Management
- Economics
- Finance
- Marketing
- Human Resources Management
- Contabilidade
- Gestão de Serviços e da Tecnologia
- Economia da Empresa e da Concorrência
- Matemática Financeira

LICENCIATURAS

- Gestão / Management*
- Economia
- Finanças e Contabilidade
- Gestão Industrial e Logística
- Gestão de Marketing
- Gestão de Recursos Humanos

www.ibs.iscte.pt

* Lecionado em português e em inglês



MASTER YOUR FUTURE

Acreditações e afiliações

